

VOZES, ENQUADRES E AUTORIDADE FEMININA: UMA LEITURA SOCIOLINGUÍSTICO-POPULAR DO CONTO NOCHÊ

VOICES, FRAMING, AND FEMALE AUTHORITY: A SOCIOLINGUISTIC- POPULAR READING OF THE SHORT STORY NOCHÊ

Evelize Previdelli¹

Roberta Bezerra da Silva²

Neusa Inês Philippi³

RESUMO

Este artigo investiga as relações entre linguagem, ancestralidade e autoridade feminina no contexto do Tambor de Mina no Maranhão, tomando como objeto de análise o conto “Nochê”, de Raquel Almeida (2019). Partindo de uma abordagem qualitativa e interpretativista, o estudo tem como objetivo analisar como pistas de contextualização, especialmente prosódicas, paralingüísticas e temporais, são mobilizadas na construção da figura feminina no conto, articulando tais recursos ao universo simbólico do Tambor de Mina. A análise, centrada em trechos que apresentam marcas de vocalização, indicações temporais e verbos de enunciação, fundamenta-se na Sociolinguística Interacional (Gumperz, 2002 [1982]; Ribeiro; Garcez, 2002) e na Linguística Popular (Niedzielski; Preston, 2003), com apoio adicional dos conceitos de enquadre e *footing* (Goffman, 1974, 1981). Os resultados demonstram que a narrativa constrói a autoridade feminina por meio de elementos como sussurros, voz firme, marcações temporais e verbos de ação ritual, que orientam a interpretação do leitor para enquadres de cuidado, condução e sacralidade. Desse modo, a voz feminina é representada como instrumento de mediação entre o visível e o invisível, reforçando seu papel na manutenção da memória e da organização comunitária, em sintonia com as convenções culturais do Tambor de Mina.

¹ Licenciada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – Sinop). Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras – UNEMAT, Sinop. E-mail: evelize.previdelli@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5147-4842>

² Licenciada em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras – UNEMAT, Sinop. E-mail: silva.roberta@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9717-5291>

³ Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo -USP (2018) e pós-doutorado pela Universität Augsburg -Alemanha (2022). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo(USP). Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Curso de Letras) –Campus Universitário de Sinop. E-mail: neusa@unemat-net.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0406-3984>

Palavras-chave: Sociolinguística Interacional; Linguística Popular; Tambor de Mina; Autoridade feminina; Ancestralidade.

ABSTRACT

This article examines the relationships among language, ancestry, and female authority within the cultural context of Tambor de Mina in Maranhão, using Raquel Almeida's short story "Nochê" (2019) as its object of analysis. Grounded in a qualitative and interpretivist approach, the study investigates how contextualization cues—particularly prosodic, paralinguistic, and temporal features—are mobilized to construct the female figure in the narrative, linking these resources to the symbolic universe of Tambor de Mina. The analysis focuses on excerpts containing vocalization markers, temporal indications, and verbs of enunciation, drawing on Interactional Sociolinguistics (Gumperz, 2002 [1982]; Ribeiro & Garcez, 2002) and Folk Linguistics (Niedzielski & Preston, 2003), with additional support from Goffman's concepts of frame and footing (1974, 1981). The findings indicate that the narrative builds female authority through elements such as whispers, firm vocal delivery, temporal cues, and verbs related to ritual action, all of which guide the reader's interpretation toward frames of care, guidance, and sacredness. In this way, the female voice is portrayed as a mediating instrument between the visible and the invisible, reinforcing her role in sustaining memory and community organization in alignment with the cultural conventions of Tambor de Mina.

Keywords: Interactional Sociolinguistics; Popular Linguistics; Tambor de Mina; Female authority; Ancestry.

Introdução

As práticas religiosas de matriz africana que se desenvolveram no Brasil constituem espaços de produção simbólica, memória coletiva e resistência cultural. Entre elas, o Tambor de Mina, especialmente forte no Maranhão, destaca-se por articular elementos de heranças africanas, indígenas e europeias em uma estrutura ritualística complexa, em que a ancestralidade, o cuidado comunitário e o matriarcado religioso assumem posição central.

Essas casas não são apenas lugares de culto: são espaços de formação social, organização comunitária e circulação de saberes que reconfiguram narrativas de pertencimento e afirmam modos de existir historicamente silenciados. Nesse universo, a palavra, seja ela falada, cantada, sussurrada ou entoada em fórmulas de reza,

desempenha papel estruturante, funcionando como tecnologia de produção de sentido e de manutenção da continuidade ancestral.

O interesse pela linguagem em rituais tem crescido no campo da Linguística, sobretudo nas vertentes que se dedicam a compreender como práticas comunicativas constroem significados. A perspectiva da Linguística Popular (Niedzielski; Preston, 2003), por exemplo, oferece contribuições nesse âmbito, sobretudo quando discute como saberes leigos sobre linguagem (crenças, avaliações, percepções e valores atribuídos ao ato de falar) se manifestam em discursos cotidianos e em textos culturais.

No conto analisado, algumas concepções de linguagem são mobilizadas, como: poder, cuidado e ligação com o sagrado são inter-relacionados com o intuito de representar a visão comunitária sobre a palavra ritual. Nesse contexto, destaca-se, também, a Sociolinguística Interacional (Gumperz, 2002 [1982]; Ribeiro; Garcez, 2002) por enfatizar que sentidos não emergem apenas do conteúdo lexical, mas de um conjunto de recursos (prosódicos, paralingüísticos, temporais, espaciais e sequenciais) que orientam interlocutores sobre como interpretar uma enunciação.

Esses elementos, chamados de pistas de contextualização, são responsáveis por enquadrar a interação, indicar papéis comunicativos e orientar expectativas sobre o que está sendo dito. Conforme Gumperz (1982):

As pistas de contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais. Tais pistas podem aparecer sob várias manifestações linguísticas, dependendo do repertório linguístico, historicamente determinado, de cada participante. (Gumperz (1982 *apud* Ribeiro, Garcez, 2002. p.152)

Embora tradicionalmente aplicadas à interação oral, tais categorias também podem ser mobilizadas para analisar representações literárias de práticas comunicativas, especialmente quando o texto ficcional encena modos de dizer, formas de performance vocal e enquadramentos rituais que remetem diretamente a práticas culturais específicas.

É nesse ponto que o conto “Nochê”, de Raquel Almeida (2019), se torna um objeto de análise relevante. O texto, ambientado no universo simbólico do Tambor de Mina, ficcionaliza a figura feminina que conduz, guarda e transmite saberes ancestrais,

onde as imagens poéticas que evocam canto, sussurro, voz firme, reza e convocação funcionam como ornamentos literários que configuram representações discursivas de práticas comunicativas profundamente ligadas ao matriarcado religioso e ao modo como a palavra opera como instrumento de cuidado, cura, proteção e poder.

O conto, portanto, é analisado aqui como instrumento discursivo capaz de encenar, em linguagem literária, modos de performatividade vocal e ritual que ecoam práticas do Tambor de Mina. A escolha pela análise de um conto, e não de dados empíricos registrados em rituais, justifica-se por duas razões principais. Primeiro, porque o texto literário permite observar, em nível representacional, como a cultura organiza sentidos sobre linguagem, sacralidade e liderança feminina.

Segundo, porque o conto funciona como dispositivo narrativo capaz de sintetizar, em poucos parágrafos, elementos que, na prática ritual, estariam dispersos em longas sequências de fala, canto e movimento. Assim, a análise sociolinguístico-popular pretendeu compreender quais recursos linguísticos e discursivos foram atribuídos à figura feminina para demonstrar autoridade, ancestralidade e poder ritualístico.

A integração entre Sociolinguística Interacional e Linguística Popular permitiu, assim, interpretar como o texto literário projeta modos de dizer e crenças sobre a linguagem que se constitui como forma de conhecimento partilhado na comunidade que inspirou a narrativa. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como pistas de contextualização, especialmente as prosódicas, paralingüísticas e temporais, foram mobilizadas na construção da liderança feminina e da ancestralidade no conto “Nochê”, articulando tais recursos ao universo simbólico do Tambor de Mina.

Trata-se de uma investigação qualitativa, de base interpretativista, que toma o texto literário como representação discursiva de práticas comunicativas culturalmente situadas. A pergunta que orientou o estudo foi: Como o conto encena modos de dizer que, mesmo na ficção, remetem a práticas de construção de autoridade e sacralidade no Tambor de Mina? O artigo organiza-se da seguinte forma: além desta introdução, na seção seguinte, discutimos brevemente sobre o Tambor de Mina como contexto cultural e simbólico, destacando os papéis fundamentais da ancestralidade e da liderança feminina no ritual do Tambor de Mina.

Em seguida, apresentamos o quadro teórico da Sociolinguística Interacional e da Linguística Popular, delimitando os conceitos que orientam a análise. Depois, detalhamos os procedimentos metodológicos utilizados na leitura sociolinguístico-popular do conto. Na sequência, analisamos excertos textuais que evidenciam a presença de pistas de contextualização e representações linguísticas e discursivas no texto. Por fim, nas considerações finais, discutimos as contribuições da análise para a compreensão da relação entre linguagem, ancestralidade e poder feminino no Tambor de Mina.

1 O Tambor de Mina no Maranhão: ancestralidade, protagonismo feminino e organização simbólica

O Tambor de Mina constitui uma das expressões religiosas afro-brasileiras mais significativas do Maranhão, caracterizando-se pela articulação entre fundamentos de matriz africana e elementos indígenas e europeus que, ao longo dos séculos, se uniram na formação cultural do estado. Nesse contexto, o Tambor de Mina do Maranhão é um marco de resistência ancorado na ancestralidade africana, no matriarcado religioso e no poder ritualístico que resistiu ao tempo e que representa um laço forte com as raízes culturais e religiosas dos povos escravizados que foram trazidos para essa região.

Num contexto de opressão colonial, mais do que simplesmente uma manifestação de fé, o Tambor de Mina foi mantenedor das tradições, línguas e rituais africanos, sendo uma prova viva da resiliência cultural. Como nos mostra Oliveira:

A ancestralidade é uma categoria de relação – no que vale o princípio de coletividade – pois não há ancestralidade sem alteridade. Toda alteridade é antes uma relação, pois não se conjuga alteridade no singular. O Outro é sempre alguém com o qual me confronto ou estabeleço contato. Onde tem alteridade temos relação. A ancestralidade é uma categoria de relação porque ela é um dos modos pelos quais as relações são geridas. Stricto sensu, diria mesmo que a ancestralidade é o princípio, ela mesma, de qualquer relação. Toda relação tem uma anterioridade que não prescinde da alteridade. Chega a ser mesmo condição para que as relações se efetivem. (Oliveira, 2007, p. 257).

O conceito de ancestralidade, conforme pela autora, transcende a linha genealógica para se consolidar como uma categoria substancial de relação, cujo vínculo com a ancestralidade não está restrito a uma reverência ao passado, mas se estabelece como o alicerce fundamental da vida comunitária e um elemento essencial que guia as relações sociais e existenciais na atualidade.

Diferentemente de outras tradições de nação africana presentes no Brasil, o Tambor de Mina desenvolveu um sistema ritual e cosmológico fortemente marcado por alguns fatores, dentre eles a centralidade das entidades espirituais, como se pode observar em Ferreti:

É possível que uma das razões da diferença existente entre a Casa de Nagô e os candomblés nagô tradicionais resida no fato que ela, além de integrar elementos jeje, o que também ocorre com aqueles, incorpora elementos cambinda e integra entidades espirituais não africanas (gentis e caboclas), o que parece ter acontecido desde a sua fundação ou desde o tempo em que esteve sob o comando de africanas. (Ferreti, 2001, p.78).

Além desse fator, podemos citar ainda a profundidade do culto à ancestralidade e a posição de destaque assumida pelas mulheres no exercício das funções religiosas, como demonstram Oliveira e Figueiredo (2021):

Por ter seu regime matriarcal, as mulheres possuem desempenho mais importante que os homens, pois somente elas recebem seus voduns e dançam, enquanto os homens são colocados em posições subalternas, somente tocam os tambores e participam dos rituais. Existe um poder entre as mulheres no ritual africano. (Oliveira; Figueiredo, 2021, p.229).

Assim, falar do Tambor de Mina implica compreender um universo simbólico que combina tradição, resiliência e construção comunitária, elementos estes que perpassam as práticas rituais estruturando as formas de organização social e discursiva das casas. Nesse contexto, a herança africana, ainda que submetida a processos de repressão e silenciamento, manteve-se viva na memória coletiva e nas práticas rituais, fortalecendo laços comunitários e sustentando uma lógica religiosa que privilegia a continuidade ancestral.

A ancestralidade, nesse sentido, vai além de um princípio abstrato, ela constitui eixo de organização espiritual, social e identitária, orientando as relações entre humanos, encantados, elementos da natureza e o sagrado presentes no Tambor de Mina. Sendo assim, é através da oralidade, das narrativas compartilhadas, das performances ritualísticas e da convivência cotidiana nos terreiros do Tambor de Mina que ocorre a transmissão dos saberes.

A palavra, seja ela cantada nos pontos, entoada nas rezas, pronunciada nos chamamentos ou articulada nos cuidados diários, desempenha papel fundamental na constituição da autoridade espiritual e na manutenção da memória comunitária. A linguagem, nesse universo, é o que permite a continuidade da organização espiritual, pois é através dela que circulam os ensinamentos, cuidados, orientações, histórias e modos de sentir o vínculo com as entidades, ou seja, a oralidade funciona como processo vivo de transmissão, que articula a dimensão do sagrado com o cotidiano das casas e com as experiências das pessoas que as frequentam e não somente como forma de registro.

Entre os elementos que caracterizam o Tambor de Mina, destacamos a forte presença feminina no comando das casas e na condução dos rituais, as lideranças, muitas vezes denominadas mães, donas ou mestras, organizam os trabalhos, orientam os filhos espirituais, estruturam o espaço ritualístico e administram relações internas e externas à comunidade religiosa.

Embora possa parecer que o espaço de atuação feminina seja apenas de natureza administrativa, na verdade, seu propósito vai muito além, se expressando na linguagem, nas formas de ensinamento, nos gestos de cuidado, na condução dos pontos e das rezas, e na maneira como a autoridade espiritual se manifesta. O matriarcado religioso que emerge no Tambor de Mina não se fundamenta na hierarquia formal, mas na legitimidade construída por meio da participação, da trajetória e do reconhecimento comunitário (cf. Ferreti, 2007).

A figura feminina que conduz as casas é também guardiã da ancestralidade. Sua autoridade deriva tanto dos vínculos espirituais que estabelece com entidades e encantados quanto do compromisso ético com o bem-estar da comunidade. Ao orientar rituais, preparar os fundamentos, rezar pelos filhos e conduzir as relações com o mundo

dos encantados, essas mulheres reafirmam o papel da liderança feminina como mediadora entre o visível e o invisível, entre o cotidiano e o sagrado. O cuidado, nesse contexto, passa a ser um gesto político e espiritual, pois são as mulheres que sustentam a casa, organizam a convivência, fortalecem a identidade coletiva e garantem a continuidade dos ensinamentos.

Esses ensinamentos fazem parte de um universo simbólico, onde a linguagem é elemento estruturante, pois cria espaços, convoca energias, demarca fronteiras rituais e estabelece vínculos de pertencimento. Os modos de falar, sussurrar, chamar, cantar, rezar, são realizados com funções específicas e produzem efeitos reconhecidos pela comunidade. Assim, embora o Tambor de Mina seja frequentemente analisado a partir da perspectiva histórica, etnográfica ou religiosa, é possível observar, também numa abordagem centrada na linguagem, como a palavra organiza o andamento do rito e orienta as ações, funcionando como eixo das práticas comunicativas que mantêm a tradição.

A literatura que se inspira no universo do Tambor de Mina constitui, por sua vez, um espaço privilegiado de circulação dessas representações culturais. Textos literários podem representar gestos, vozes, temporalidades, sensibilidades e modos de dizer associados à prática ritual, funcionando como superfícies discursivas que tornam visíveis aspectos da linguagem que circulam nos terreiros.

O conto “Nochê”, de Raquel Almeida (2019), insere-se justamente nesse movimento, ao construir a imagem de mulheres que guardam segredos, curam com a palavra, cantam para mover o tempo e orientam a comunidade. O texto literário oferece uma representação ficcional dos modos de falar, rezar e invocar, que fazem parte das práticas comunicativas do Tambor de Mina.

Essa representação não tem pretensão etnográfica, mas funciona como registro simbólico de experiências e saberes que compõem o imaginário da religião, assim, o texto literário funciona como um espaço de reinscrição, pois permite que práticas comunicativas comunitárias circulem para além do terreiro, ao mesmo tempo em que preserva marcas do modo como a linguagem é concebida e vivida nesses contextos. A análise linguística do conto, portanto, não busca recuperar o ritual em sua materialidade, mas descrever como o texto ficcional encena recursos comunicativos

que remetem à ancestralidade, ao matriarcado religioso e ao poder ritualístico da palavra no Tambor de Mina.

A articulação dessas perspectivas às contribuições da Sociolinguística Interacional nos possibilitou observar como o conto mobiliza marcas linguísticas que remetem a pistas de contextualização, tais como modos de vocalização, enquadres temporais, indicações de entoação e verbos de enunciação. A análise desses elementos demonstrou a estética textual e, também, a forma de conceber o papel da linguagem no contexto do ritual. É com esse propósito que, na próxima seção, discutimos os aportes teóricos da Sociolinguística Interacional e da Linguística Popular, com foco nos conceitos que orientaram a leitura do conto.

2. Linguística Popular e Sociolinguística Interacional: aportes para a análise do conto

Mobilizamos, inicialmente, neste estudo, pressupostos da Linguística Popular (Niedzielski; Preston, 2003). Essa área do saber investiga como os falantes atribuem valor, eficácia, legitimidade e poder à palavra, produzindo avaliações e expectativas que moldam suas práticas. Em diálogo com essa perspectiva, estudos sobre ideologias linguísticas (Woolard, 1998; Irvine; Gal, 2000) ajudam a compreender como certas concepções sobre a linguagem, como a capacidade de curar, proteger, orientar, convocar, são produzidas socialmente. No conto “Nochê”, essas ideologias aparecem na valorização da voz firme, do sussurro, da reza e da orientação silenciosa.

Tais concepções não derivam de teorias linguísticas, mas de saberes comunitários, reelaborados pela literatura sob forma poética. Desta maneira, entendemos que a Linguística Popular nos possibilitou reconhecer essas representações como indicadoras de crenças compartilhadas sobre a função social da palavra.

Ademais, a investigação linguística de práticas culturais e representações discursivas exige um enquadramento teórico capaz de articular a materialidade da linguagem aos modos como os sentidos são produzidos, negociados e interpretados pelos participantes. Entre as abordagens que oferecem essa articulação, destaca-se a Sociolinguística Interacional (Gumperz, 2002 [1982]; Ribeiro; Garcez, 2002) por situar

a linguagem como prática social, analisando as formas pelas quais recursos linguísticos e paralinguísticos orientam a compreensão mútua e organizam a interação.

Embora tradicionalmente voltada para dados de fala gravada em situações naturais, seus conceitos fundamentais, especialmente o de pistas de contextualização, também nos permitiram examinar como o texto literário representa práticas comunicativas, construindo enquadres discursivos que refletiram modos de dizer associados ao contexto sociocultural pesquisado.

Para compreender esse funcionamento, foi necessário considerar o processo de contextualização, no qual os participantes mobilizam recursos diversos para tornar relevante um determinado enquadre interpretativo. Cabe destacarmos que a contextualização não se limita a marcas linguísticas localizadas na superfície do enunciado, pois se caracteriza como um processo mais amplo, pelo qual os interlocutores ativam, atualizam ou suspendem aspectos do contexto que orientam a interpretação do que está sendo dito. Nesse sentido, como formulado por Auer (1992):

Em termos mais gerais, a contextualização comprehende, portanto, todas as atividades dos participantes que tornam relevante, mantêm, revisam ou cancelam [...] qualquer aspecto do contexto que, por sua vez, é responsável pela interpretação de um enunciado em seu locus particular de ocorrência.. (Auer, 1992, p. 4)⁴.

Essa definição evidencia que a contextualização envolve um trabalho interpretativo contínuo, no qual sinais verbais e não verbais são articulados a expectativas culturais, conhecimentos partilhados e esquemas de participação que dão forma ao sentido em situação. Nessa perspectiva, compreender o alcance da Sociolinguística Interacional exige enaltecer seus principais conceitos, sobretudo o de pista de contextualização.

Formulada por Gumperz (2002 [1982]), essa noção designa os traços linguísticos, prosódicos, paralinguísticos e situacionais que orientam os interlocutores sobre como interpretar o que está sendo dito. Essas pistas funcionam como indícios

⁴ Original: In most general terms, contextualization therefore comprises all activities by participants which make relevant, maintain, revise, cancel [...] any aspect of context which, in turn, is responsible for the interpretation of an utterance in its particular locus of occurrence. (Auer, 1992, p. 4).

acionados no processo de compreensão e ativam conhecimentos socioculturais que permitem ao participante compreender que tipo de atividade está sendo realizada, tais como conselho, ordem, advertência, instrução ritual, gesto de cuidado, convocação, proteção, dentre outras.

Além das pistas concretas, o autor propõe também a noção de convenções de contextualização (contextualization conventions), mecanismos culturalmente sedimentados que fazem com que determinados sinais, como entonações específicas, palavras recorrentes e modos de chamar acionem interpretações estabilizadas dentro de uma comunidade. Não se tratam apenas de elementos linguísticos isolados, mas de padrões reconhecidos que orientam o interlocutor para o enquadre pertinente.

Nesta mesma direção, Auer (1992) aprofunda essa discussão ao destacar que pistas não são propriedades objetivas do enunciado, mas fenômenos interpretativos, que dependem do conhecimento prévio dos participantes e das expectativas compartilhadas, funcionando como regras ocultas que permitem reconhecer o movimento da interação mesmo quando não há instruções explícitas.

Em uma situação de fala, pistas de contextualização podem incluir entonação, ritmo, volume, escolha lexical, marcadores conversacionais, alternância de código, bem como referências temporais e espaciais que orientam a interpretação. A entonação firme pode ser interpretada como autoridade; o sussurro, como confidencial; a pausa prolongada, como solicitação de atenção; e o marcador temporal “cedinho”, por exemplo, como ativação de um enquadre específico de atividade.

Esse processo interpretativo é descrito por Gumperz (2002 [1982]) como uma inferência contextualizada, ou seja, o sentido não está na palavra em si, mas na articulação entre a pista oferecida e o conhecimento de mundo do interlocutor. O leitor, assim como o participante de uma interação face a face, mobiliza expectativas sociais, memórias culturais e esquemas narrativos para produzir a interpretação adequada.

Como mostram Ribeiro e Garcez (2002), esse enfoque privilegia não apenas a forma, mas a ação que a linguagem realiza, deslocando o foco da língua como sistema para a linguagem como prática situada, dinâmica e sensível às condições culturais em que se realiza. Seguindo esse roteiro de interpretação, mobilizamos também em Goffman (1974) o conceito de enquadre, referindo-se aos esquemas interpretativos que

organizam a experiência e orientam a leitura de um enunciado. Um mesmo ato de fala pode assumir sentidos distintos conforme o enquadre atingido. Expressões como “vem cá”, por exemplo, podem ser interpretadas como convite, ordem, cuidado ou advertência, dependendo das pistas que circundam o enunciado.

Além disso, desse mesmo autor, tomamos o conceito de *footing* para discutirmos como participantes assumem e alternam posições discursivas (animador, autor, responsável, porta-voz do sagrado, cuidador), levando em conta que tais posições são sinalizadas por marcadores linguísticos e paralinguísticos. O *footing* é um modo de alinhar-se a um papel social e sua mudança é um dos recursos centrais da construção da autoridade (cf. Goffman, 1981).

No caso de textos literários, as mudanças de *footing* não são enunciadas diretamente, mas representadas. O narrador, por exemplo, dramatiza a voz, o ritmo, a firmeza, o sussurro, e o leitor reconstrói esse alinhamento interpretando as pistas narrativas como se fossem pistas interacionais. Essa transposição é reconhecida na literatura por autores como Tannen (1987), que discute a oralidade estilizada, e Bauman & Briggs (1990), que examinam como textos performam vozes, papéis e enquadrados.

A literatura, nesse aspecto, funciona como superfície simbólica na qual circulam formas de falar, padrões de interação, marcas de autoridade e valores comunitários. A análise linguística de textos ficcionais, assim, busca identificar como esses mecanismos discursivos são estilizados, sintetizados e reinscritos no texto. Nesta mesma direção, Garcez e Ribeiro (2015) observam que pistas de contextualização também se manifestam em gêneros não orais sempre que os textos recordam contextos de atividades reconhecíveis. Dessa forma, descrições literárias de rezas, cantos, instruções, chamadas ou gestos vocais podem ser lidos como representações de práticas comunicativas culturalmente situadas.

Ressaltamos ainda que, neste estudo, a Linguística Popular e a Sociolinguística Interacional não se configuram como blocos teóricos separados e sim como lentes que se cruzam no próprio movimento de interpretar o texto, permitindo perceber como certos mecanismos organizam os enquadrados mobilizados pelo conto e como determinadas crenças dão forma ao modo como esses enquadrados são reconhecidos. No percurso da narrativa, as pistas de contextualização, tais como os verbos que indicam

modos de dizer, as sugestões de voz e de ritmo, as marcas de tempo e de espaço, orientam o leitor na construção dos papéis comunicativos e participam da configuração da liderança feminina no Tambor de Mina.

A articulação entre as duas perspectivas teóricas auxiliou-nos a esclarecer a organização dos sentidos no conto e indica que essa organização depende de uma leitura cuidadosa, que não poderia ser limitada a uma descrição de elementos textuais. Para compreender como esses mecanismos atuam, é necessário explicitar o caminho metodológico que orientou a nossa análise, delimitando a natureza do *corpus*, os critérios de seleção dos trechos e o modo como a teoria se inscreve no procedimento interpretativo. É o que tratamos na próxima seção.

3. Metodologia

O percurso teórico que delineamos até aqui orienta, por si, o modo como nos aproximamos do *corpus*, uma vez que a análise não toma o texto literário como registro empírico direto, tampouco como testemunho etnográfico, mas como superfície discursiva na qual se inscrevem formas de dizer que remetem a práticas reconhecíveis no universo do Tambor de Mina. A investigação assumiu, portanto, um caráter qualitativo e interpretativista, porque o interesse não residiu na quantificação de ocorrências, mas na compreensão de como determinadas escolhas linguísticas, ao serem articuladas pela narrativa, evocam modos de organização da ação e da autoridade.

O *corpus* é composto pelo conto “Nochê”, de Raquel Almeida, texto publicado no livro “Yõnu” (2019, p. 69-71), cujo conjunto de narrativas explora imaginários ligados à ancestralidade e às formas de condução feminina no contexto de religiões afro-brasileiras no Maranhão. A autora, ao transitar por cenas em que o gesto, a voz e a temporalidade ritual aparecem estilizados na ficção, constrói uma atmosfera que dialoga com os elementos centrais do Tambor de Mina, destacando a atuação de mulheres que orientam, acolhem e conduzem a comunidade, essa aproximação entre literatura e práticas culturais forneceu o ponto de partida para a leitura sociolinguístico-popular que propusemos.

A identificação do recorte analítico decorreu desse entendimento: buscamos, no conto, trechos em que identificamos expressões marcadas por modos específicos de vocalização, por indicações temporais ou espaciais que configuram a cena ritual, ou por verbos de enunciação que projetam ações socialmente situadas. Esses elementos incluem, por exemplo, descrições de voz, tais como sussurrar, falar firme, rezar, cantar; referências de tempo associadas ao momento do rito, como, por exemplo “cedinho, antes do galo cantar”, “de madrugada”; e verbos que indicam o movimento da interação, como “rezam”, “chamam”, “saúda”, “orienta”. Também foram considerados trechos em que a narrativa sugere enquadres ritualizados por meio da indicação de travessias, de gestos de preparação ou de chamadas que convocam o coletivo para uma ação compartilhada.

A leitura partiu da noção de pista de contextualização desenvolvida por Gumperz (2002 [1982]) e ampliada pela interpretação de Auer (1992), segundo a qual a compreensão de um enunciado depende de sinais que tornam relevantes certos aspectos do contexto. Desse modo, tomamos como pistas, no conto, as marcas linguísticas que remetem a modos de dizer, tais como entonação imaginada, firmeza de voz, pausas sugeridas e as indicações temporais ou espaciais que estruturam a atividade ritualizada.

Ao fazê-lo, buscamos evitar a extração do conceito para descrições puramente imagéticas ou metafóricas, como referências corporais ou cenográficas que não correspondem a mecanismos interacionais, privilegiando apenas elementos que, no campo da Sociolinguística Interacional, podem ser interpretados como operadores de enquadre.

O procedimento analítico seguiu um movimento gradual, que se iniciou na leitura integral do conto e no reconhecimento preliminar de trechos em que a linguagem sustenta a ação. A partir daí, esses trechos foram organizados segundo a função que desempenham na construção da cena comunicativa: i) situações em que a voz marca a atuação da personagem; ii) momentos em que o tempo e o espaço ajudam a orientar o leitor para o tipo de atividade que se desenrola e iii) enunciados que, pelo verbo ou pela escolha lexical, evocam práticas de cuidado, convocação ou condução. Esse recorte

permitiu observar não apenas a presença das pistas, mas os efeitos que produzem na construção da liderança feminina representada no texto.

O diálogo com a Linguística Popular contribuiu para esse percurso ao indicar que determinadas crenças sobre a palavra são reconhecidas e partilhadas na comunidade e aparecem no texto literário como traços da visão que o conto projeta sobre a linguagem. Assim, quando a narrativa descreve que alguém “reza com voz firme” ou “rompe os silêncios”, o foco recai menos sobre a cena imaginária e mais sobre o conjunto de expectativas socioculturais que atribuem à palavra um papel específico na ação ritual.

Desta forma, pode-se dizer que o método resultou da aproximação entre teoria e texto, de modo a observar como o conto estiliza elementos que, no campo da Sociolinguística Interacional, funcionam como operadores de significado. A análise, assim, não pretendeu reconstituir o rito, mas compreender como a narrativa distribui vozes, tempos e ações, configurando uma figura feminina que conduz e sustenta o coletivo. Desta forma, a metodologia adotada definiu o escopo da análise e os parâmetros usados na identificação e interpretação dos trechos analisados, os quais se apresentam na seção seguinte.

4. Análise: pistas de contextualização e modos de atuação feminina no conto “Nochê”

Em nossa leitura do conto “Nochê”, destacamos como a narrativa distribui elementos que funcionam como marcas de enquadre, organizando a cena comunicativa e sugerindo modos de atuação feminina que dialogam com práticas reconhecíveis no Tambor de Mina. Esses elementos, embora estilizados pela linguagem literária, retomam mecanismos que, no campo da Sociolinguística Interacional, são compreendidos como pistas de contextualização, sinais linguísticos, prosódicos e situacionais que orientam o leitor na interpretação da ação, permitindo reconstruir posições discursivas, temporalidades rituais e papéis de condução.

Ao lado dessas pistas, emergiram também crenças compartilhadas sobre o poder da palavra, sobre sua capacidade de convocar, acolher e proteger, o que aproxima o conto das discussões da Linguística Popular e das ideologias linguísticas que atribuem

valor social e espiritual aos modos de dizer. Nesse entrelaçamento, a narrativa desenha uma figura feminina que conduz, orienta e sustenta a continuidade simbólica da comunidade, e é por meio dessa articulação entre voz, tempo e ação que a análise avança.

Desde as primeiras linhas, o conto apresenta mulheres que “passeiam no tempo com uma missão”, guardar segredos e produzir cuidado e reparação por meio de gestos e palavras. A referência ao “sussurrar nos ouvidos de quem merece o chamado” introduz de imediato um modo particular de vocalização, sugerindo uma forma de aproximação que depende da relação entre quem fala e quem recebe a fala.

Na perspectiva de Gumperz (2002 [1982]), o sussurro opera como pista de contextualização capaz de indicar confidencialidade, acolhimento ou segredo; em todos esses casos, o som baixo posiciona o falante e o ouvinte em um enquadre mais restrito, no qual a informação circula em um regime diferenciado. Ao trazer esse gesto para o interior da narrativa, o conto estiliza uma prática comunicativa reconhecida em contextos rituais, em que a palavra dita em voz baixa não diminui sua força, mas pode intensificá-la, justamente por ativar a expectativa de um conhecimento reservado.

Auer (1992) observa que a interpretação de uma pista como o sussurro depende do acionamento de convenções de contextualização que já circulam na comunidade. No caso do conto, o leitor reconhece o sussurro como modo de transmitir algo que não se destina a todos, mas àquele que “merece o chamado”, expressão que coloca o gesto vocal em relação direta com uma prática de seleção, de convocação e de reconhecimento.

Isso reforça a interpretação de *footing* proposta por Goffman (1981), uma vez que o sussurro posiciona a personagem feminina como animadora de uma voz que não é meramente informativa, mas que age sobre o outro: ela chama, aproxima, insere e orienta. A narrativa não descreve o conteúdo do sussurro, mas o modo como ele funciona, deixando ao leitor a tarefa de reconstruir sua força performativa a partir dos sinais que compõem a cena.

Esse modo de presença vocal se intensifica quando a narrativa afirma que “rezam com vozes firmes”, substituindo o sussurro pela firmeza, que marca outro enquadre. Se o sussurro sugere confidencialidade e proximidade, a firmeza sugere autoridade

e estabilidade. Gumperz (2002 [1982]) descreve a entonação firme como pista que marca a posição do falante no campo da ação: ela pode indicar instrução, orientação ou direção, colocando o ouvinte em regime de escuta.

Auer (1992) acrescenta que essas pistas não funcionam isoladamente, mas dependem da convenção que as sustenta; no universo representado pelo conto, a voz firme adquire peso porque se associa a gestos e práticas de condução próprias das lideranças femininas descritas por Ferretti (2001; 2006; 2025). Essa articulação entre firmeza vocal e legitimidade social reproduz também as observações de Prandi (2001), segundo as quais, nas religiões afro-brasileiras, a autoridade feminina se inscreve na maneira como se fala, orienta e organiza o ritual.

A narrativa intensifica esse movimento quando afirma que “a voz dela rompe os silêncios e abre moradas”. Aqui, embora o trecho possa parecer metafórico, a ação atribuída à voz é expressa como verbo, “romper”, que funciona como marcador de enquadre: trata-se de um gesto discursivo que se sobrepõe ao ambiente e reorganiza a experiência, o que, conforme Gumperz (2002 [1982]), mostraria que o verbo, indicando ação, configura um tipo específico de atividade comunicativa.

Já Tannen (1987), na discussão sobre oralidade estilizada, lembra que certas escolhas verbais dramatizam a fala, fazendo com que o texto represente um ato vocal com força performativa. Além disso, baseadas em Bauman e Briggs (1990), compreendemos que esse “romper” implica a encenação de uma mudança de *footing*: é a voz que altera a cena, que desloca o leitor e que introduz uma nova ordem temporal e espacial no interior da narrativa.

Essa força vocal se articula com o eixo temporal do conto, que organiza a atividade em dois momentos recorrentes: “cedinho, antes do galo cantar” e “de madrugada”. Ambos funcionam como pistas situacionais que, para Gumperz (2002 [1982]), moldam o enquadre da atividade e orientam o participante para o tipo de ação que se desenrola. “Cedinho” remete a um regime de preparação, de início, de arranjo do dia; no Tambor de Mina, como mostram Ferreira e Ferretti (2001), trata-se do momento de construção de fundamentos, de rezas, de aquietamento.

Já “de madrugada” aciona outra convenção: a da liminaridade, momento associado a travessias, a práticas que ocorrem entre mundos, como discutido por

Bastide (1971) nos estudos sobre religiosidades afro-brasileiras. O conto mobiliza essas convenções ao situar ações distintas nesses momentos: de manhã, preparar, rezar, orientar; de madrugada, cantar, dançar, “rodar a saia”.

Esses dois regimes temporais ativam conhecimentos socioculturais que o leitor reconhece como associados a práticas rituais: a madrugada, particularmente, é o tempo em que a narrativa afirma que “toda a mata se arrepia” e “o tempo para”. Aqui, mais uma vez, não se trata de interpretar literalmente a cena, mas de observar como a narrativa constrói enquadres que, no campo da Sociolinguística Interacional, funcionam como pistas de que a atividade assume um caráter excepcional.

Goffman (1974) argumenta que enquadres especiais reorganizam a interpretação de tudo aquilo que ocorre na cena; no conto, o silêncio da mata e a suspensão do tempo servem para enfatizar o estatuto da voz da personagem feminina, que permanece quando tudo se aquietá. Da mesma forma, amparadas em Auer (1992), compreendemos que esse reconhecimento depende do acionamento de convenções culturais que atribuem à madrugada um papel ritualístico.

Ao lado das pistas temporais, a narrativa introduz ainda um espaço marcado, “passam pelo portal onde geram vidas”, no qual o portal funciona como fronteira simbólica e, também, como marca de enquadre. Em termos goffmanianos, desloca o participante para outra moldura de interpretação: dentro, ocorre outra atividade, regida por outras normas.

O verbo “passar” não descreve um trajeto físico, mas funciona aqui como indicador de mudança de *footing*: ao atravessarem o portal, as mulheres assumem outro papel comunicativo, o de conduzir, orientar, acolher. Ferretti (2001) descreve esses espaços como lugares de passagem que organizam a atividade ritual no Tambor de Mina; o conto estiliza essa organização sem descrevê-la em detalhes, permitindo que a leitura reconheça, pelo sinal espacial, uma mudança de enquadre.

Essa articulação entre espaço e ação é reforçada na cena em que “o rodar da saia” provoca arrepios na mata e paralisa o tempo. Aqui, embora haja um elemento corporal que não se interpreta como pista de contextualização, o conto o insere na organização da atividade, conectando o giro da saia ao canto e à voz.

Ressaltamos que a dança, nesse trecho, não é analisada como mecanismo interacional, mas a forma como a narrativa a inscreve reforça que, ao rodar a saia, a personagem se torna centro da cena e sua voz passa a ser o único elemento que permanece e é no jogo de silenciamento e permanência que funciona a pista textual reorganizadora do *footing*, já que, neste gesto, todos se aquietam para ouvir, e ela, como voz central, fala com a autoridade atribuída às lideranças femininas.

O terceiro eixo analítico aparece de maneira distribuída no conto, especialmente nos verbos que organizam a ação comunicativa: “rezam”, “chamam”, “ensinam”, “saúda”, “acariciam”, “controlam”. Esses verbos, no campo da Sociolinguística Interacional, não são neutros: eles indicam o tipo de atividade que se desenrola e constroem o papel do falante.

Gumperz (2002 [1982]) argumenta que verbos de enunciação funcionam como pistas que orientam a interpretação do que vem a seguir; quando o conto afirma que “rezam com vozes firmes”, ativa-se um enquadre em que quem reza conduz, orienta e estabelece vínculos com o sagrado. No Tambor de Mina, como mostram Ferretti (2001) e Prandi (2001), a reza é modo de ação feminina e não apenas verbalização, pois é um gesto que招oca, protege, abre caminho.

O verbo chamar no segmento “chamam pra dentro do útero o que há de melhor” retoma essa prática de convocação, mas a desloca para o registro literário. O chamado, aqui, funciona como mecanismo comunicativo que altera o *footing*, pois quem chama assume a posição de quem conduz; quem é chamado é inserido em novo enquadre.

Auer (1992) observa que essa mudança depende da interpretação que o leitor faz do verbo, articulando-o às convenções culturais que reconhecem o chamado como gesto de cuidado e de inserção. A Linguística Popular também contribui para essa leitura, ao mostrar que certas comunidades atribuem à palavra dita, ao chamar, sobretudo, uma força que não se reduz à linguagem, mas que organiza relações.

O verbo “ensinar”, quando aparece no conto, descreve uma prática de transmissão: “ensinam como conviver”. Essa transmissão, como mostram Berger e Luckmann (2004 [1966]), depende de um arranjo relacional em que quem ensina é reconhecido como alguém cuja fala orienta a ação coletiva. No universo do Tambor de Mina, como indica Ferretti (2001; 2009), o ensinamento é prática contínua, realizada

por gestos, rezas e palavras. A narrativa estiliza esse movimento e o verbo como pistas de contextualização e projeta, assim, a personagem feminina como figura que ampara e orienta o grupo.

O verbo “saúda”, por fim, situa a personagem como mediadora, em especial, quando ela saúda os elementos, gesto que, no campo da Sociolinguística Interacional, pode ser lido como ação ritual que reorganiza o enquadre: ao saudar, estabelece-se relação com entidades e elementos que ultrapassam o imediato. O verbo também altera o *footing*, uma vez que posiciona a personagem não como participante comum, mas como porta-voz de uma ordem que inclui o terreno e o espiritual. Esse gesto dialoga com as observações de Prandi (2001) sobre o protagonismo feminino nas religiões afro-brasileiras, em que saudar não é gesto de cortesia, mas ação que afirma vínculo e autoridade.

Sendo assim, ressaltamos que essas três dimensões, voz, tempo e verbo, não funcionam de maneira isolada no conto, elas se articulam na construção de uma figura feminina que conduz e organiza a cena. A voz, ao romper silêncios, estabelece o centro da ação, enquanto o tempo, ao situar a madrugada e o início do dia como momentos de cuidado e de condução, organiza o ritmo do ritual, e os verbos, ao indicarem ações específicas, distribuem papéis e funções.

A análise sociolinguístico-popular, portanto, permitiu-nos observar como essas escolhas constroem, na ficção, uma forma de liderança que repercute práticas reconhecidas no Tambor de Mina, sem confundir texto e rito, mas reconhecendo que a narrativa estiliza os modos de dizer que circulam em práticas culturais, especialmente nas práticas difundidas no Tambor de Mina.

Considerações finais

A investigação partiu da pergunta sobre como o conto “Nochê” representa, por meio de escolhas linguísticas e de organização da cena discursiva, modos de atuação feminina que dialogam com práticas reconhecidas no Tambor de Mina. Ao retomarmos essa questão, é possível afirmarmos que os objetivos propostos que consistiam em observar de que maneira a narrativa aciona pistas de contextualização, compreender como essas pistas organizam enquadres e posições comunicativas e examinar como tais

mecanismos dialogam com crenças compartilhadas sobre a palavra, foram atendidos no percurso analítico.

A leitura do conto “Nochê”, numa perspectiva sociolinguístico-popular, nos permitiu observar como a narrativa organiza modos de dizer que, ao mesmo tempo em que constroem a cena literária, evocam práticas reconhecidas no universo do Tambor de Mina. A combinação entre voz, tempo e ação, entendida aqui a partir das pistas de contextualização, orientou a interpretação dos trechos analisados e mostrou que a condução feminina representada no texto não se apoia em descrições de grande detalhe ritual, mas se concentra na maneira como certos gestos verbais e certas entradas temporais definem posições discursivas e modos de atuar.

A voz que sussurra, convoca e rompe silêncios, as marcações de madrugada ou de início do dia e os verbos que apontam para práticas de cuidado, acolhimento ou organização do coletivo formam, juntos, um arranjo que permite reconhecer a personagem como figura que sustém e conduz a vida comunitária. Esses mecanismos, ao serem mobilizados pela narrativa, constroem uma figura que conduz pela palavra, pelo gesto e pela temporalidade ritualizada, sem recorrer a descrições etnográficas, mas açãoando convenções culturais reconhecíveis.

Essa representação, embora literária, dialoga com aspectos descritos por estudos sobre o Tambor de Mina, especialmente no que diz respeito à atuação de mulheres que assumem funções de liderança por meio da palavra, da orientação e do gesto, reconhecendo que a narrativa aciona convenções culturais e comunicativas que permitem ao leitor situar a ação dentro de certos enquadres. Nesse sentido, a análise não buscou reconstruir o rito, mas entender como o conto distribui vozes e tempos para produzir uma imagem de autoridade feminina que se afasta de modelos hierárquicos formais e se aproxima de formas de legitimidade sustentadas pela participação e pela experiência.

O diálogo entre a Sociolinguística Interacional e a Linguística Popular mostrou-se produtivo para essa leitura, na medida em que permitiu compreender, por um lado, como o texto organiza seus enquadres por meio de pistas linguísticas e situacionais e, por outro, como essas pistas dependem de crenças compartilhadas sobre o valor e a eficácia da palavra. Desse modo, a narrativa se apoia nessas duas dimensões, a

interacional e a popular, para construir uma personagem cuja força se manifesta na maneira como fala, bem como nos efeitos de sua fala sobre o ambiente, sobre as pessoas e sobre as temporalidades que o conto mobiliza.

O conjunto desses elementos indica que a literatura, quando representa práticas de fala que refletem modos de organização comunitária, se configura como um espaço fértil para o exame de concepções culturais sobre linguagem, autoridade e relação com a ancestralidade. O conto não descreve o ritual, ele sugere caminhos para compreendê-lo. Por sua vez, a abordagem sociolinguístico-popular, focando os modos de dizer, permitiu-nos captar detalhes que a descrição temática, por si só, não alcançaria.

Ademais, no encontro entre teoria e narrativa, houve a possibilidade de pensarmos a palavra como lugar de atuação e de presença e a liderança feminina como prática que se constitui tanto no gesto quanto na voz, sobretudo, na forma como ambos se inscrevem no cotidiano da comunidade.

Ainda que o método escolhido tenha produzido resultados consistentes, há limites que precisam ser explicitados. O primeiro diz respeito à própria natureza do *corpus*: trata-se de um texto literário, que não oferece acesso direto às práticas comunicativas do Tambor de Mina, mas uma estilização que reorganiza essas práticas segundo a lógica da ficção, restringindo o alcance da análise ao campo das representações e impedindo outras inferências sobre o rito ou sobre sua dinâmica interna.

Um segundo limite refere-se à extensão do material analisado, pois trabalhamos com um único conto, o que nos possibilitou concentrar a interpretação, mas também delimitou as possibilidades de generalização. Pesquisas futuras poderiam ampliar o *corpus* para outros contos do mesmo livro, obras de outras autorias ou narrativas orais recolhidas em campo, o que permitiria observar como diferentes textos literários ou testemunhais representam vozes, temporalidades e ações associadas à liderança feminina. Além disso, análises que combinem dados literários e registros etnográficos poderiam explorar continuidades e deslocamentos entre representação e prática, abrindo espaço para leituras mais amplas sobre linguagem e ritual.

A despeito disso, entendemos que tais limitações não diminuem o alcance da análise realizada; ao contrário, situam seu escopo e indicam caminhos possíveis para

estudos posteriores. A associação entre Sociolinguística Interacional e Linguística Popular permitiu-nos ainda compreender, no conto, como certos mecanismos organizam enquadres de sentido e como determinadas crenças sustentam sua interpretação, compondo uma figura feminina cuja autoridade se manifesta nos modos de falar, nos gestos que orientam e nos tempos que organizam a ação.

Assim, a literatura, ao representar essas formas de presença, se configura como um registro adequado para examinar concepções culturais de linguagem e autoridade e a abordagem adotada mostrou que esse exame depende menos da descrição temática e mais da atenção aos modos de dizer que o texto faz circular.

Referências

- ALMEIDA, Raquel. *Yōnu*. São Paulo: Elo da Corrente Edições, p. 69-71, 2019.
- AUER, Peter. Introduction: John Gumperz Approach to Contextualization. In: AUER, Peter et al. (Ed.). *The contextualization of language*. Amsterdam: Benjamins, 1992. p. 1-37.
- BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, n. 19, 1990, p. 59-88
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FERRETTI, M. Pureza nagô e nações africanas no Tambor-de-Mina do Maranhão. *Ciencias Sociales y Religión*, Porto Alegre, v.3, pp.75-94, 2001.
- FERRETTI, M. Tambor de Mina em São Luís: dos registros da Missão de Pesquisas Folclóricas aos nossos dias. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 3, n. 6, p. 1-17, jul./dez. 2006.
- FERRETTI, S. *Querebentā de Zomadônu. Etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. Rio de Janeiro: Pallas. 2009.
- FERRETTI, Mundicarmo. Matriarcado em terreiro de mina do Maranhão - realidade ou ilusão? *Revista Ciências Humanas*, Viçosa, v. 5, n. 1, p. 11-20, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufma.br/jspui/bitstream/1/200/1/Matriarcado.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

GUMPERZ, J.J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolinguística Interacional*: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. São Paulo: Loyola, 2002.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In P. V. Kroskrity, (Ed.), *Regimes of language: Ideologies, polities, and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, 2000, p.35-84.

OLIVEIRA, E. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Emilly Costa; FIGUEIREDO, Margareth Gomes de. Casa das Minas: uma resistência africana no Maranhão. In: SALVADOR E SUAS CORES, 2021, Salvador. Anais [...] *Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas e da Diáspora Negra nas Américas*. Salvador: [s. n.], 2021. p. 1-20. Disponível em: <https://share.google/ZaGrOFREHI6su32RV>. Acesso em: 09 nov. 2025.

Niedzielski, N. A.; Preston, D. R. . Folk linguistics. Berlin: Mouton de Greuter, 2003.

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, B. T. GARCEZ, P.M. *Sociolinguística Interacional*. 2^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TANNEN, Deborah. Repetition in Conversation: Toward a Poetics of Talk. *Language, Baltimore*, v. 63, n. 3, p. 574-605, set. 1987.

WOOLARD, K. A. Introduction. In: SCHIEFFELIN, BAMBI B., WOOLARD, K. A. & KROSKRITY, PAUL V. (eds.). *Language ideologies practice and theory*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 3-47.

Recebido em 31/10/2025

Aceito para publicação em 25/11/2025